Lindjane Pereira

PARQUE DAS FLORES MORTAS



MONDRU

Lindjane Pereira

PARQUE DAS FLORES MORTAS

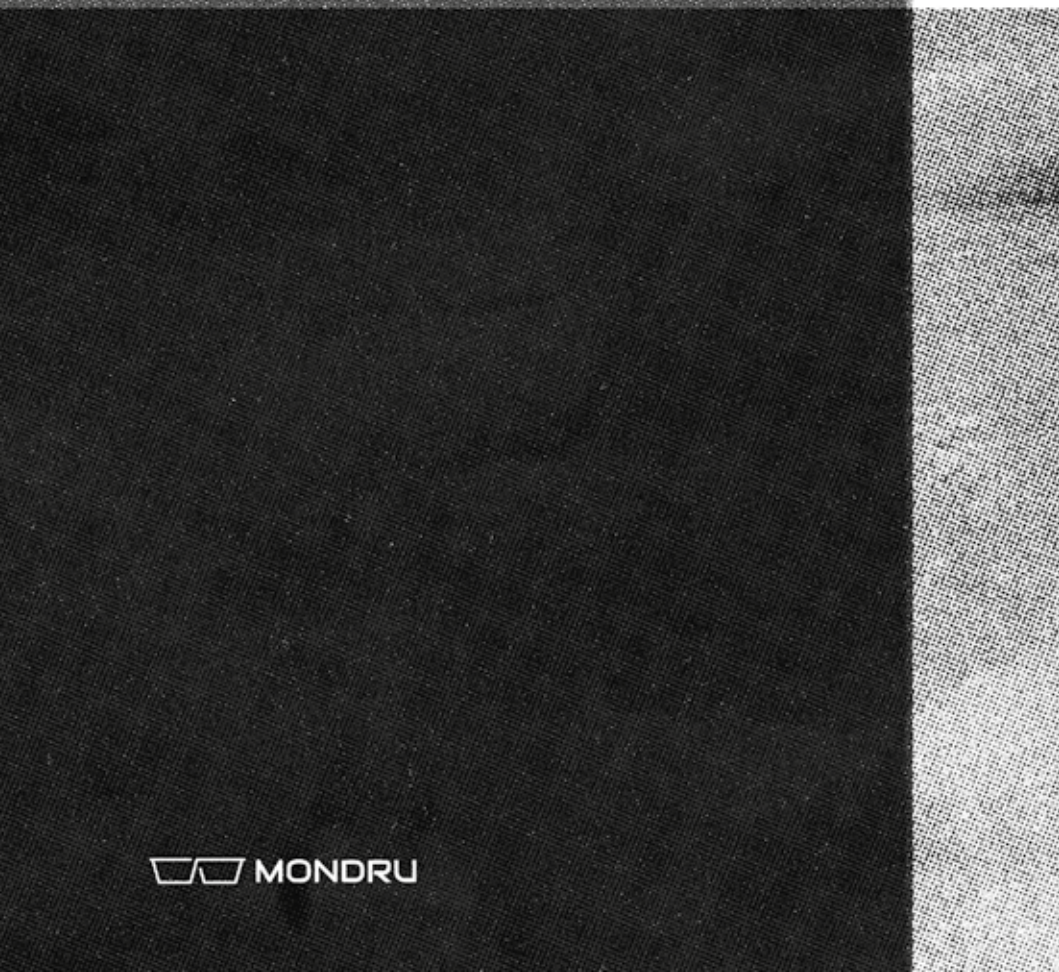






Lindjane Pereira

PARQUE DAS FLORES MORTAS



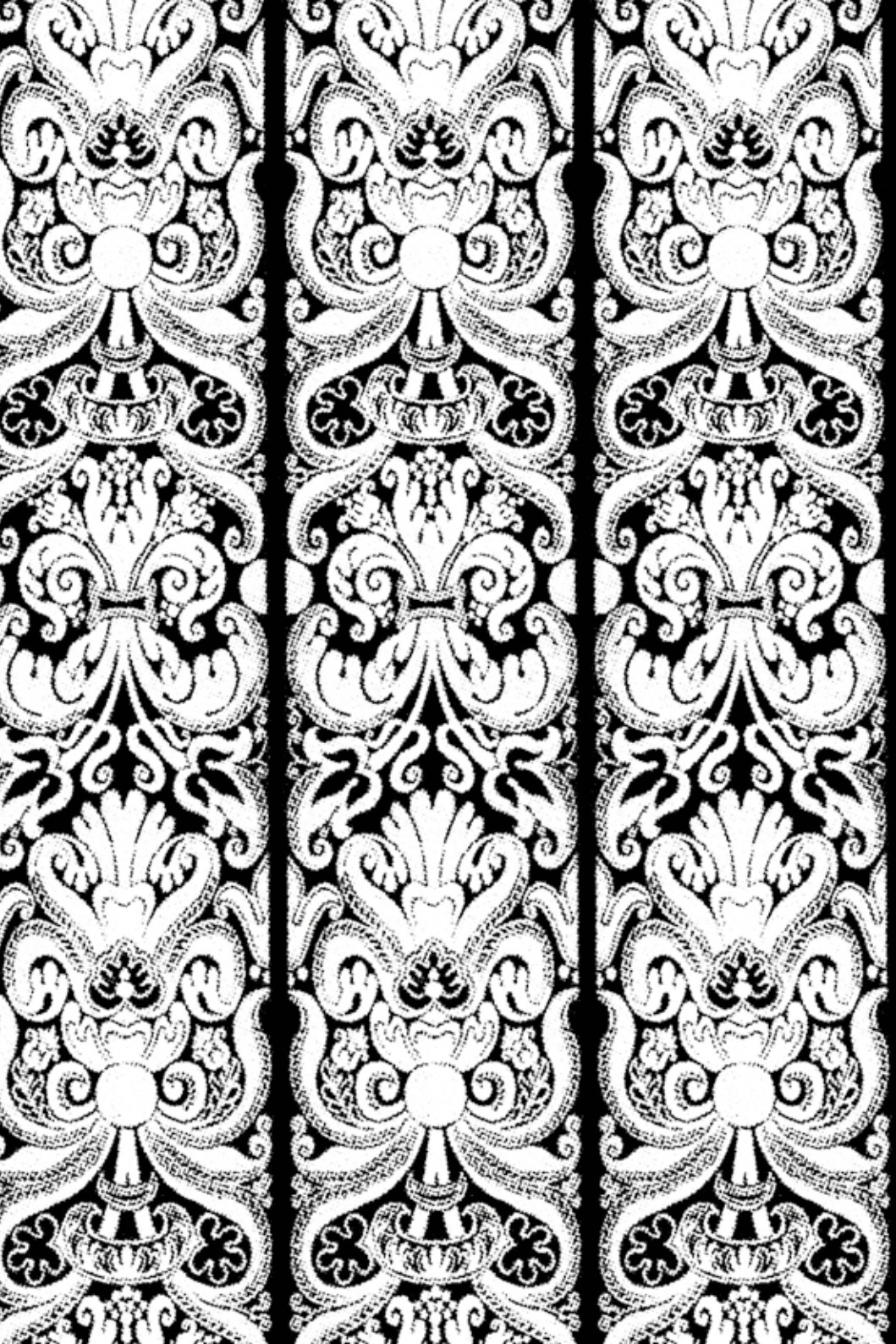
MONDRU

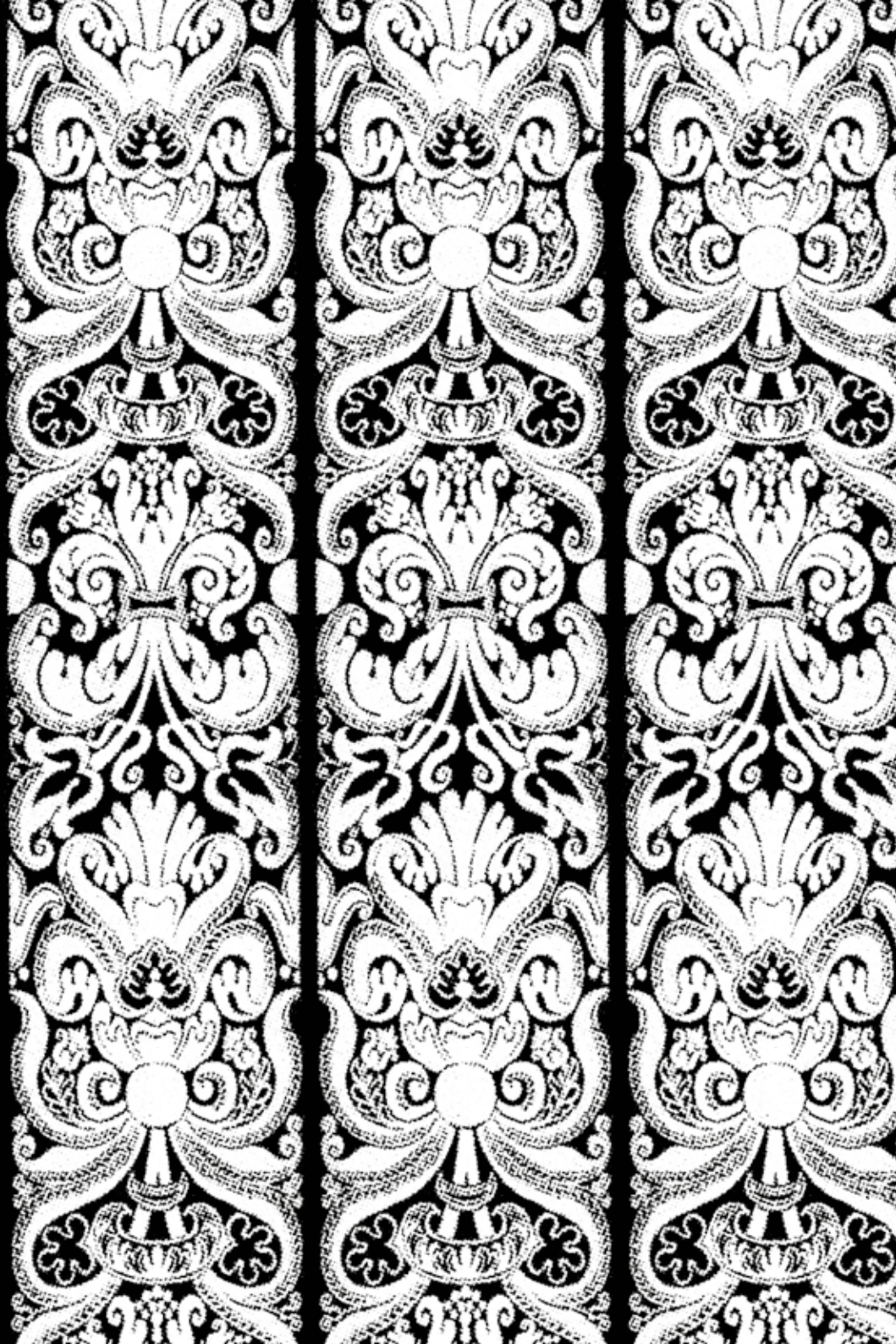


À minha mainha. Mulher-muralha.

Teus ombros suportam o mundo e ele não pesa mais que
a mão de uma criança...

(Carlos Drummond de Andrade)





Florada | 19
Cheira-cola | 23
Jardim secreto | 31
Flor de Laranjeira | 37
Traíra | 43
Pôr do sol | 47
Órfãos | 51
Scarpin | 55
Madame | 59
Debutante | 63
Rua da Areia | 67
Amantes | 71
Senador | 77
Descartáveis | 79
Olhos abertos | 85



Mar bravio | 89
Bodas | 93
Pleito | 97
Devotas | 101
A última dança | 105
Adeus | 109
Tango argentino | 113
A música parou | 115
Maria Flor | 117
Notícias | 121
Recortes de jornal | 125
Reflorescer | 129
Estrelas no chão | 133
Festa das Neves | 137





FLORADA

Meus dedos penavam. Espremidos, encaliçados. Egípcios, formavam uma escadinha, como os da minha mãe e os da minha avó. Donas de pés grosseiros, de calcanhares rachados e de unhas nunca feitas.

Ainda assim, adorava meus sapatos. Adorava a mulher que me tornei ao calçá-los; o som dos seus saltos finos, na altura de 10 centímetros, tocando no chão do salão vermelho como o meu *scarpin*.

Expostos na sapateira de madeira antiga, meus sapatos vermelhos são uma chama que resiste. Perfeitos, sem nenhum arranhão, marca ou sujeira, como se nunca tivessem me levado por caminhos pedregosos.

Bésame, bésame mucho
Como si fuera esta noche la última vez
Bésame, bésame mucho
Que tengo miedo a perderte
Perderte después

— Desce, Inês — ouço, em meio a um bolero perdido no tempo. Meu sapato é brasa acesa. Heitor chegou e sua risada alvoroça as outras mulheres. Todas o querem, mas seus olhos pretos me procuram.

Homens ricos dançam, bebem, riem no cabaré da Madame Lourdinha. Sua piteira desfila entre as mesas. As damas, antes de ofertar o corpo, oferecem uma noite de bolero e tango. Pés bem calçados dançam sobre o piso de ladrilho hidráulico de fundo branco esmaecido, cujas bordas e desenhos dos mosaicos são de um vermelho intenso.

Do alto da escada, observo. Heitor é simpático, papeia com conhecidos, faz conchavos políticos enquanto acaricia seu cavanhaque

desenhado no queixo quadrado. Ao me notar, interrompe o gesto. Desço os degraus o encarando e deslizando minhas mãos pelo corrimão como quem percorre seu corpo.

Quando alcanço o salão, Heitor já me espera, e, em seguida, me conduz para a pista de dança. O bolero recomeça. Me embebedo pelos rodopios e pelo cheiro de seu perfume amadeirado se misturando ao meu aroma de flor.

É noite de sábado e as luzes vermelhas dos cabarés da Rua da Areia estão acesas. Na esquina, corpos suados dançam e mulheres se entregam por quase nada. Agarrados a elas, homens sonham em entrar no casarão da Madame, sabendo que o lugar é dos empresários e dos políticos endinheirados da cidade.

Danço com Heitor. Primeiro no salão, depois no quarto. Meu amado me despe, me descalça, beija meus pés e promete o mundo para a sua Flor de Laranjeira.

— Depois das eleições, tudo será resolvido, Inês.

Finjo acreditar.

— É uma família poderosa, Inês — disse outro dia a Madame.

Mas não me importo. Heitor está aqui e me ama. Dançamos.

Bésame, bésame mucho
Como si fuera esta noche la última vez
Bésame, bésame mucho
Que tengo miedo a perderte
Perderte después

Isso foi há muito tempo... Das noites do salão, restam as lembranças vivas e meu *scarpin*. Muitas vezes, em vão ensaiei calçá-lo e os calos dos meus pés doíam, como um prenúncio de má sorte.

Mas, algo mudou. O Natal se aproxima e a claridade aponta no horizonte límpido da cidade. Não sei por quê, mas o sol nasceu em meu peito.

É um domingo de florada dos ipês e não há espetáculo mais lindo nesta cidade. As árvores colorem tudo. Dois pontos rubros se

movimentam desajeitados em meio ao tapete amarelo formado no parque da Lagoa. Os saltos afundam na terra, mas só meus sapatos de fogo seriam capazes de me trazer de volta a este lugar.

Assim como eu, o parque está vivo. Famílias se sentam na grama; casais passeiam em bicicletas duplas; crianças brincam. Encosto na árvore e as folhas caem, num ciclo de morte e de renascimento.

Uma menina esmolambada se aproxima e me pede pipoca. Não tem mais do que 12 anos. É magra, ruiva, cheia de sardas no rosto. Abro a carteira, lhe entrego uma nota de 10 reais e ela se afasta, some entre as árvores do parque e se perde.

Por um tempo longo demais, a Lagoa foi minha casa. Não um lar; apenas um espaço que recolheu os meus restos.



CHEIRA-COLA

Agosto de 1995.

O sol queima, mas, vez por outra, as nuvens descarregam um resto de água dos meses anteriores, numa chuva forte e ligeira que, em pouquíssimo tempo, forma pontos de alagamento, principalmente na parte baixa do centro da cidade. Desde que fugi do abrigo, perambulo pela região, dormindo em qualquer lugar seco, na rodoviária, na porta das igrejas, embaixo das marquises das lojas e dos casarões abandonados.

Nesta noite, há estrelas no céu. Caminho até a praça em frente ao Teatro Santa Roza, atraída por uma lembrança e pelo cheiro gostoso de pipoca. De longe, avisto o triângulo da fachada e a escultura de uma mulher estendendo a mão. Baixo os olhos e me deparo com bailarinas chegando com seus *collants*, saias de tule e coques perfeitos, enquanto os meus cabelos estão ensebados.

É a segunda vez que venho a este lugar. No começo do ano, estive aqui com minha mãe e fiquei fascinada com a beleza do teatro, as cadeiras de madeira, os camarotes, o palco, o veludo vermelho da cortina de onde as bailarinas saíam. Mainha sorria. Nunca tinha visto uma apresentação de balé.

— É tão bonito, Inês!

Como não posso mais pagar pelo ingresso, aproveito a distração do guarda para entrar no teatro. Tudo escuro, a cortina se abre, o espetáculo começa, a bailarina de branco e a de preto se enfrentam no Lago dos Cisnes. A música, no começo delicada e triste, cresce, num misto de encanto e tragédia que deixa meu coração apreensivo. Num piscar de olhos, me imagino no palco, girando na ponta dos pés até ser arrastada e jogada na rua por uma mão desconhecida.

— Passa fora, trombadinha!

"A vida dá voltas", disse mainha. "Deus castiga, Inês", acreditava minha madrinha. "Deus é bom o tempo todo", defendia minha mãe. As frases passeiam pela minha cabeça. Às vezes, tento rezar, esperar como ela pedia: "Fique brincando, mainha volta logo". Dois meses da sua partida ou quinze anos: agora tanto faz. A mulher e a menina juntas quebram os ponteiros do relógio.

Na noite de balé, Preta me observa da esquina. É mais uma cheira-cola que circula no centro. Me encara e me amedronta.

Atravesso a rua e me sento na porta de uma loja. São quase oito da noite, o comércio está de portas fechadas e poucas pessoas esperam o ônibus. Uma menina miúda estende a mão e sorri para me oferecer um bombom; a mãe a repreende. Devolvo discretamente o sorriso e me encolho, segurando com força meus joelhos. De tempos em tempos, levanto a cabeça para ver se Preta foi embora, mas ela permanece parada, cheirando cola, me olhando.

No patamar da loja, balanço o meu corpo de um lado para o outro, como quem tenta se acalentar. O ônibus chega, a mulher e a menina partem. Com a parada vazia, Preta se aproxima, se senta ao meu lado.

— Tá com medo de mim? Tá achando que vou te roubar, é? E tu tem alguma coisa aí, Galega?

Não consigo nem falar.

— Oxi, tá com medo mesmo! Mulher, aqui é na lei da rua. Ninguém tem pena, não. Se andar só, é pior pra tu — Preta diz, com um risinho torto.

De longe, tinha visto uma menina negra, muito magra, de cabelos crespos oxigenados, mas não havia reparado nos olhos azuis de Preta, que se destacam pelo contraste com o tom da sua pele. Olhos grandes e acesos, como os de gatos que circulam à noite.

Preta não anda sozinha. Na praça do teatro, no término do espetáculo, pessoas apressam os passos, arrastando seus filhos em direção aos carros estacionados nas proximidades. Como formigas à procura de doce, crianças cheirando cola surgem, não se sabe de onde,

avançando, cercando, pedindo, quase tomando dinheiro do público que sai do Santa Roza.

— Derrotas, pragas dos infernos! — Grita o guarda, puxando as calças largas que insistem em cair.

— Cadê a polícia? Essa cidade tá entregue aos cheira-colas — esbraveja uma mulher alta que carrega no colo uma pequena bailarina.

Diante da movimentação, Preta se junta ao grupo. É atrevida, comanda, enfrenta o guarda. As pessoas seguem apressadas até a sirene de uma viatura dispersar os cheira-colas. Preta passa correndo e me arrasta. Com medo, vou com ela.

— Os homens não fazem nada — grita a menina. — Aqui é meu território, Galega.

Não demoramos a chegar ao parque da Lagoa, ponto de encontro de Preta com a sua Tropa. Dormimos embaixo de mangueiras, oiti-zeiros, castanholas, paus-brasis, ipês. Mainha amava plantas e, em época de florada, passeávamos. No final do dia, eu chegava em casa com um saquinho cheio de folhas coloridas e as mais bonitas iam para dentro de um caderno. Fazia isso distraída, sem nem imaginar quantas floradas ainda veria. Sempre as mesmas folhas luminosas, nunca o mesmo olhar.

Se, durante o dia, na Lagoa circulam pessoas de todos os cantos da cidade, atraídas pelo comércio das lojas e dos camelôs, à noite, o lugar pertence aos moradores de rua. A minha primeira noite com a Tropa é de tempo limpo, de lua cheia, mas, como choveu, a terra do parque está úmida. Ainda assim, o grupo prefere dormir ao ar livre, sobre papelões e molambos. Uma menina, com ar sorridente e passos leves, me entrega uma manta surrada e me encolho o máximo possível, inevitavelmente imaginando minha mãe se benzer ao me encontrar numa situação pior do que a de Larissa no dia da enchente.

Demoro a pregar os olhos, vigiando o movimento da Tropa. Alguns dormem, outros passam a noite agarrados à garrafa PET. De madrugada, percebo o giroflex da viatura que circula pelo parque. Temo ser levada de volta ao abrigo; tento me levantar, mas sou detida pelas mãos de Preta.

— Vá dormir! Os homens não tão nem aí se tu tá viva ou morta.

De longe, vejo a roda-gigante. Uso um vestido vermelho de algodão, com flores brancas bordadas na gola. Meus cabelos estão presos com uma fita de cetim.

Mainha e eu descemos na parada da Lagoa. Cheiro de milho verde, pipoca e de maçã do amor. É cedo, está tudo tranquilo e sem filas. De noite, o parque vai lotar.

— No final, a gente come, filha.

Na festa da padreira, a Lagoa se alegra. O parque tem carrossel, carrinhos bate-bate, pula-pula, a minhoca montanha-russa, trem-fantasma e a Monga, a mulher bonita que vira gorila.

A nossa paixão é a roda-gigante, da qual vemos a cidade do alto, lado a lado, sentadas nas cadeirinhas.

— Olha só, Inês. Estamos perto de Deus.

Vista de cima, a Lagoa fica pequena. "É um espelho d'água oval, cercado de palmeiras imperiais", explicou uma vez a professora. Muita, muita água onde ninguém pode entrar.

— Era um dia de festa como hoje, Inês. Um barco lotado afundou. Muita gente morreu, muitas crianças. Depois disso, ninguém pôde mais fazer passeio aí. Mesmo assim, dia desses, um morador de rua morreu afogado na Lagoa. Mas, olhe, que cidade linda! Já te disse que sou Nevinha por causa da padroeira, não foi?

Rio. Já ouvi dezenas de vezes a história da quase morte da minha mãe, nascida prematura e salva por Nossa Senhora das Neves.

É agosto e os fantasmas da Lagoa desaparecem.

Acordo com Preta enfiando a garrafa de cola no meu nariz.

— Cheira, Galega! Passa a fome.

Zonza, afasto a sua mão. Fico deitada, sonolenta, sentindo o girar da roda-gigante enquanto Preta passa os comandos.

Gostou do começo?

Continue a leitura de Parque das flores mortas, de Lindjane Pereira.



Aponte a câmera e leve o livro para casa

mondru.com

MONDRU